



O ESPANHOL DA AMÉRICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Débora Luise Souza Xavier¹

RESUMO: A língua espanhola atualmente recebe o estatuto de língua internacional e figura no ensino de línguas estrangeiras em diversos países, inclusive no Brasil, em diferentes contextos educacionais. Por ser língua oficial em 21 países, carrega consigo as peculiaridades das diversas localidades e culturas nas quais seu uso é corrente. Frente a essa diversidade, nem todos os professores se sentem preparados ou confortáveis ao transpor essa realidade para a sala de aula, ainda que questões pertinentes a esse tema sejam abordadas em sua formação inicial. Este trabalho consiste em uma reunião de considerações do âmbito da Sociolinguística (ALCKMIM, 2001) e de uma breve caracterização do espanhol da América, com base nas ideias expostas por Moreno Fernández (2000). Além disso, apresentam-se reflexões e sugestões voltadas ao processo de informação e formação do professor e ao ensino da variante americana da língua espanhola. Considera-se, neste trabalho, que a consciência sobre a unidade e sobre a diversidade do espanhol é algo que os professores devem buscar sempre, mesmo porque um professor de espanhol como língua estrangeira (E/LE) é também um eterno estudante da língua espanhola e da cultura hispânica.

PALAVRAS-CHAVE: espanhol; América; variação linguística.

RESUMEN: La lengua española actualmente recibe el estatuto de lengua internacional y figura en la enseñanza de lengua extranjeras en distintos países, incluso en Brasil, en diferentes contextos educacionales. Por ser lengua oficial en 21 países, carga consigo las peculiaridades de las diversas localidades y culturas en las cuales su uso es corriente. Frente a esa diversidad, no todos los profesores se sienten preparados o cómodos al trasponer esa realidad al salón de clases, aunque se aborden cuestiones pertinentes a ese tema en su formación inicial. Este trabajo consiste en una reunión de consideraciones del ámbito de la Sociolingüística (ALCKMIM, 2001) y de una breve caracterización del español de América, con base en las ideas expuestas por Moreno Fernández (2000). Además, se presentan reflexiones y sugerencias dirigidas al proceso de información y formación del profesor y a la enseñanza de la variante americana de la lengua española. Se considera, en este trabajo, que la conciencia sobre la unidad y sobre la diversidad del español es algo que los profesores deben buscar siempre, aun porque un profesor de español como lengua extranjera (E/LE) es también un eterno estudiante de la lengua española y de la cultura hispánica.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora Colaboradora na FECEA-Unespar e Instrutora de espanhol no Laboratório de Línguas da UEL. **Contato:** debora_luise@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O espanhol, idioma cuja origem remonta ao latim vulgar, nasceu no território conhecido atualmente como Espanha, mais precisamente no então reino de Castela. Por esse motivo recebeu, primeiramente, o nome “castelhano”². Muitos séculos se passaram desde o seu nascimento e muitas também foram as mudanças pelas quais a língua passou. O idioma foi trazido à América pelos conquistadores espanhóis e com isso entrou em contato com línguas autóctones e, posteriormente, com línguas de imigrantes de outros países do mundo. Hoje o espanhol é idioma oficial de 21 países e territórios³, em sua maioria latino-americanos, e é idioma oficial de organizações internacionais como a ONU, União Europeia e MERCOSUL (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 16). Em cada um desses países onde é língua oficial, características próprias, mas continua sendo o idioma espanhol.

APORTE DA SOCIOLINGUÍSTICA: A VARIAÇÃO

Para tratar das características e do ensino do espanhol da América, é imprescindível ter claro que as línguas naturais sofrem mudanças e que esse é um atributo inerente às línguas vivas. A visão propagada historicamente de que o espanhol da Espanha, castiço, seja o único que se deve ensinar, ou de que seja “o espanhol mais correto”, ignora a grande riqueza da língua: suas variantes. Além disso, essa visão equivocada reflete preconceitos linguísticos e pode ser prejudicial ao ensino, já que exclui propriedades importantes da língua.

Alguns conceitos da Sociolinguística Variacionista se fazem profícuos neste ponto. Os linguistas da atualidade consentem que a língua natural é um sistema aberto, que diferentes falantes podem expressar-se de maneira distinta usando a mesma língua (CAMACHO, 2001). De acordo com Alkmim (2001, p. 31), nenhuma língua existe de forma completamente homogênea, língua e variação são realidades indissociáveis. Em qualquer comunidade linguística é possível observar a existência de uma variação nos

² Atualmente o uso dos termos “espanhol” e “castelhano” se alterna conforme a região. Por exemplo, no México e em Porto Rico há preferência pelo uso do termo “espanhol” enquanto na Argentina o termo “castelhano” é preferido, talvez para marcar a diferença desta variante com a da Espanha (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 18). Não obstante, os dois termos se referem ao mesmo idioma, são sinônimos.

³ São eles: Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Guiné Equatorial, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 16).

modos pelos quais seus integrantes se comunicam, e essa variedade constitui o seu *repertorio verbal*. A Sociolinguística concebe a característica variável como a qualidade do fenômeno linguístico, algo imprescindível e inerente à língua e ao seu uso. A negação desse fato, junto ao mito da homogeneidade linguística, pode levar à intolerância e ao preconceito linguístico, práticas facilmente observáveis nas relações sociais (ALKMIM, 2001).

Ao abordar as implicações do tratamento das variantes no ensino de língua, Antunes (2003a) afirma que a noção de superioridade de determinadas variantes linguísticas é um mito que deve ser desmascarado, que nenhuma variante deve ser desvalorizada ou considerada como incorreta. A autora também indica como equívoca a ideia conservadora de que a língua do passado é superior e de que as variações são usos corrompidos da língua. Explica também que as mudanças linguísticas possuem uma lógica e uma motivação, são movidas por mudanças de percepções (ANTUNES, 2003b).

Vale ressaltar, contudo, que embora a língua espanhola apresente uma diversidade considerável, essa diversidade não anula sua unidade. Moreno Fernández (2000) afirma que o espanhol possui uma homogeneidade, porém uma homogeneidade relativa que permite que haja variedades internas de diferentes áreas e de diferentes populações. Assim, apesar da língua apresentar peculiaridades em determinados países e regiões, em todos esses lugares se utiliza o mesmo idioma:

La homogeneidad relativa de la lengua española está fundamentada en un sistema vocálico simple (5 elementos), un sistema consonántico con 17 unidades comunes a todos los hispanohablantes, en un importante léxico general, en lo que se refiere a los elementos léxicos estructurados, y una sintaxis que presenta una variación moderada, sobre todo en sus usos cultos” (MORENO FERNÁNDEZ, 2000, p. 15).

A língua espanhola se caracteriza por ser uma língua *coiné*, ou seja, uma “lengua común que resulta de la unificación de ciertas variedades idiomáticas” segundo a versão eletrônica do *Diccionario de la Real Academia Española* (www.rae.es). Para Moreno Fernández (2000), a unidade do espanhol se explica pelo conceito de *diasistema*: o espanhol é um sistema linguístico que possui uma estrutura simplificada e sólida, e que é a base para a existência de vários sistemas geoletais em comunidades de áreas geográficas diferentes. Esta unidade permite que falantes de países diferentes se comuniquem e se compreendam utilizando o idioma espanhol.

Infelizmente muitos professores ainda carregam uma visão purista da língua, e isso se reflete na maneira como eles conduzem o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Neves (apud ANTUNES, 2003b), ainda falta muito para que o professor e o cidadão comum se conscientizem da importância e da inerência da variação na atividade da linguagem. Entender a variação linguística, sobretudo a geográfica⁴, faz com que o olhar em direção ao espanhol esteja mais livre de preconceitos como o mencionado anteriormente (defesa do espanhol castiço). Com esses conceitos claros, se poderá compreender que o espanhol, com sua unidade e sua diversidade, é parte da identidade da Hispano América e que nenhuma variante geográfica deve ser depreciada em seu ensino.

O ESPANHOL NA AMÉRICA

Cada país utiliza a língua espanhola de acordo com sua história, seu contexto, sua realidade. Cada país atribui à sua variante suas próprias características. Contudo, segundo afirma Moreno Fernández (2000) em seu livro *¿Qué español enseñar?*, as semelhanças são muito maiores do que as diferenças. Para o autor, a maior parte das diferenças reside no campo léxico e, ainda assim, a maior parte do léxico do espanhol é compartilhada entre diferentes países hispano falantes.

Alguns estudiosos utilizam o termo “americanismo” para designar as características lexicais, fonéticas, semânticas, gramaticais, etc. que o espanhol tenha adquirido na América. O termo também pode designar as características das línguas originárias da América que tenham influenciado o espanhol. Entre as características do espanhol da América de uso bastante expressivo, estão o “seseo”, o “voseo”, o “loísmo”, o uso de “ustedes” para tratamento informal, além dos vocabulários próprios de cada região ou país.

O “seseo” é uma característica fonética que consiste em pronunciar a letra “c” diante de “e” e “i”, bem como a letra “z”, da mesma maneira que se pronuncia a letra “s”

⁴ Segundo Alkmim (2001), as línguas podem sofrer variações diacrônicas (ao longo do tempo) pois elas são sempre continuidades históricas. Podem também sofrer variações sincrônicas, relacionadas a diferentes fatores. A autora destaca dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) se refere a diferenças linguísticas no espaço físico e a variação social (ou diastrática) se refere aos fatores relacionados à identidade do falante e com a organização social da comunidade de fala. Estes fatores são a classe social, a idade, o sexo e o contexto social.

diante de vogais. O “seseo” não é uma característica exclusiva da América, visto que também é usual no sul da Espanha, porém é considerado uma marca forte do espanhol usado na América.

O “voseo” é o uso do pronome “vos” na segunda pessoa do singular, por exemplo em sentenças como “¿Vos querés más agua?” ou “Disfrutá tu estancia en Buenos Aires”. O uso do “voseo” não é de uso corrente em todos os países da Hispano América e não se configura de maneira homogênea em todos os países onde ocorre. O “voseo” rio-platense, por exemplo, tem usos e formas diferentes das do “voseo” da Colombia ou do Chile.

O “loísmo” consiste no uso do pronome complemento “lo” no lugar do pronome complemento “le”, quando cumpre função de complemento indireto referente a pessoa do gênero masculino. Algumas gramáticas normativas não admitem esse uso, porém muitos manuais descritivos o incluem entre as possibilidades de uso de pronomes complemento e expõem também o contexto em que seu uso é corrente.

Na hispano América, em geral, usa-se a terceira pessoa do plural (e o pronome “ustedes”) tanto para situações de tratamento formal quanto para situações de tratamento informal. Assim como o uso do “seseo”, o uso de “ustedes” em situações informais não é uma característica exclusiva da América, já que o uso de “vosotros” nessas mesmas situações ocorre no centro e no norte da Espanha.

A quantidade de vocábulos próprios do espanhol da América é enorme. Com o fim de exemplificar, é possível mencionar os termos “colectivo” e “guagua”, usados respectivamente na Argentina e em Porto Rico, equivalentes ao termo “autobús”, usado na Espanha (em português, “ônibus”). Também os termos “sudadera” e “buzo”, usados respectivamente na Colômbia e na Argentina, equivalentes ao termo peninsular “chándal” (em português, “moletom”).

A exposição feita aqui é genérica. Moreno Fernández (2000) trata em particular de zonas geoletais do espanhol. As zonas geoletais da América são a caribenha, a mexicana, a andina, a rio-platense e a chilena. Entre as características do espanhol do Caribe, por exemplo, estão a aspiração e a perda de consoantes no final de sílabas, o “seseo”, o “yeísmo” (pronúncia do dígrafo “ll” idêntica à da consoante “y”), uso expresso de pronomes pessoais sujeito (“¿Tú te quedas o tú te vas?”⁵), uso do pretérito indefinido por pretérito perfeito, o uso de diminutivo afetivo (“ahorita”, “corriendito”), o “tuteo” (uso do pronome “tú” para tratamento informal), uso de pronome depois de verbo interrogativo

⁵ Os exemplos mencionados entre parênteses são de Moreno Fernández (2000, p. 41 e 42).

(“¿Qué tú quieres?”), entre outras. Há possibilidade de aprofundamento na exposição das características peculiares de cada zona geoletal. Não obstante, julga-se aqui que seja mais pertinente passar às considerações sobre o ensino dessas variantes da língua espanhola.

IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE E/LE

Frente à diversidade do espanhol da América Latina, o ensino de suas características pode apresentar-se como um grande desafio ao professor. Muitos não sabem como nem onde buscar conhecer melhor e de maneira mais detalhada tantas variantes, tanta diversidade de sons, palavras, expressões. Para isso, são preciosas as sugestões de Moreno Fernández (2000) sobre fontes de informação sobre as variantes do espanhol, classificadas por ele em: obras descritivas (trabalhos de investigação, geolinguística e estudos monográficos sobre falas específicas) e os dicionários de interesse geolinguístico que incluam informação sobre a procedência das vozes e que recolham o léxico de determinados territórios.

“El profesor de español necesita disponer, en la biblioteca de su centro de trabajo, de una mínima bibliografía con la que solucionar dudas relativas a los usos lingüísticos del mundo hispánico” (MORENO FERNÁNDEZ, 2000). Há diferentes manuais gerais e úteis sobre a diversidade geográfica do espanhol. Esse manuais abordam questões como o “seseo”, formas de tratamento em relação aos usos verbais e alguns inclusive trazem uma introdução à Sociolinguística.

As obras de investigação geolinguística cresceram expressivamente nos últimos anos, há projetos e atlas linguísticos e de variação léxica do espanhol com grande destaque nos estudos de língua espanhola, entre os quais se destaca o *Atlas Lingüístico de Hispanoamérica*. Entre os manuais gerais mais atualizados, Moreno Fernández (2000) menciona o *Manual de dialectología hispánica: El español de América*, de Manuel Alvar, como fonte sobre a diversidade geográfica do espanhol da América. Por meio do *Corpus de Referencia del Español Actual*, editado pela *Real Academia Española* (www.rae.es), é possível consultar dados de diferentes regiões hispânicas. Além disso, as versões eletrônicas dos principais jornais do mundo hispânico, como o *Clarín* da Argentina e *El Tiempo* da Colombia, também são um bom material de língua escrita e refletem também

as variedades da língua. Outras várias direções que servem de fonte constam no *Centro Virtual Cervantes* do Instituto Cervantes. Hoje, quem souber onde e como buscar na rede pode ter acesso a uma infinidade de matérias na Internet.

Os estudos monográficos compreendem artigos, livros, teses doutorais e relatórios publicados no mundo universitário. Alguns repertórios bibliográficos podem oferecer ao professor ou investigador uma compilação dos aspectos mais relevantes das variedades do espanhol como é o caso dos *Cuadernos bibliográficos del español de América*, dirigidos por López Morales.

Ao tratar dos dicionários, Moreno Fernández (2000, p. 28) menciona o *Diccionario de la Lengua Española* da *Real Academia Española* (DRAE). Segundo o autor, por meio deste dicionário os hispano falantes dispõem de uma referência lexicográfica comum, aceita e respeitada. Nele se incluem um grande número de vozes de quase todas as áreas de fala hispânica. Na versão online do dicionário estão expressos esclarecimentos sobre o avanço da 23ª versão do dicionário, que tratam do processo criterioso para a inclusão destas vozes:

En lo que se refiere al léxico específico de América, y también al de Filipinas, las propuestas realizadas por las Academias correspondientes de la Española con sede en los diferentes países son estudiadas por la Comisión Permanente de la Asociación de Academias de la Lengua Española, integrada por académicos españoles y de las corporaciones hermanas. Las propuestas aprobadas se incorporan directamente al Diccionario (<http://lema.rae.es/drae>).

Na página sobre a *Real Academia Española* (RAE), também estão expostos esclarecimentos sobre a política linguística pan-hispânica e sobre a visão adotada da unidade e a diversidade da língua espanhola pela RAE:

En los últimos años, la Real Academia Española y las veintiuna Academias de América y Filipinas que con ella integran la Asociación de Academias de la Lengua Española vienen desarrollando una política lingüística que implica la colaboración de todas ellas, en pie de igualdad y como ejercicio de una responsabilidad común, en las obras que sustentan y deben expresar la unidad de nuestro idioma en su rica variedad: el Diccionario, la Gramática y la Ortografía. [...] Se consideran plenamente legítimos los diferentes usos de las regiones lingüísticas, con la única condición de que estén generalizados entre los hablantes cultos de su área y no supongan una ruptura del sistema en su conjunto, esto es, que ponga en peligro su unidad. En una tarea de intercambio permanente, las veintidós Academias de la Lengua Española articulan un consenso que fija la norma común para todos los hispanohablantes en cuestiones de léxico, de gramática o de ortografía, armonizando la unidad del idioma con la fecunda diversidad en

Contudo, segundo o Moreno Fernández (2000, p. 29), há uma insuficiência e falta de fiabilidade da informação sobre as vozes americanas. Existe, inclusive, uma obra editada que leva o nome de *Diccionario de hispanoamericanismos no recogidos por la Real Academia*. É importante, assim, a consulta também a dicionários de *americanismos* (vozes indígenas que passaram ao espanhol) e *indigenismos* (vocábulos criados, inventados ou derivados de uma palavra patrimonial do espanhol na América). Alguns desses dicionários também apresentam vozes que na América desenvolveram acepções diferentes das utilizadas no espanhol da Espanha. Entre os dicionários de americanismos, Moreno Fernández (2000) destaca o *Diccionario del español de América*, de Marcos Morínigo.

Por fim, há obras que apresentam um léxico específico de uma região ou país e o coloca em relevo com relação ao léxico da Espanha ou de obras de referência do espanhol em geral, como o *Diccionario fundamental del español de México*, de Fernando Lara. Outros dicionários reúnem entradas de usos reais e atuais, extraídas de livros, impressos e publicações periódicas de um tempo mais recente.

Há um preceito difundido por muitos estudiosos sobre o ensino de línguas em geral, e que pode otimizar o ensino do espanhol da América: o uso de textos autênticos. Texto é entendido, aqui, como uma produção cultural que extrapola o sistema de código verbal escrito. Além disso, o texto autêntico é elaborado e emitido em um contexto de circulação social sem fins específicos de ensino de língua estrangeira. O ensino que parte de textos gerados em uma situação comunicativa real fomenta o estudo da língua com todas as suas propriedades (pragmática, sintaxe, semântica) contemplando diferentes variantes, bem como a relação entre as unidades, estruturas e o sentido total do texto. Para Antunes (2003b), devemos lançar mão da análise de textos como meio para desenvolver reflexão crítica e incorporação dos padrões necessários para ampliar a eficiência comunicativa, gramatical, lexical, textual e discursiva do aluno.

Esse preceito pode ser posto em prática em diferentes contextos de ensino de espanhol, como por exemplo o ensino superior, o ensino médio e o ensino de espanhol para fins específicos, desde que haja uma seleção adequada de gêneros e de tipos textuais, bem como dos temas e vocabulário abordados. Como exemplo, seguem algumas mostras reais de textos que podem ser usadas para expor a variante rio-

platense: reportagens dos jornais “El Clarín” e “La Nación”; tiras cômicas dos personagens Gaturro e Mafalda; contos e outras obras do escritor Jorge Luis Borges, músicas do cantor Jorge Drexler, etc. Com a globalização e o advento da Internet, os textos autênticos estão cada vez mais acessíveis aos professores e aos alunos. É imprescindível que o professor de E/LE não só tenha conhecimento sobre a situação do espanhol, suas múltiplas variantes, sua realidade dialetal, mas que também possa expor a seus alunos mostras dessas variantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, ainda que ensinar a língua espanhola sem deixar de contemplar sua diversidade se configure como um grande desafio, isso é um objetivo possível de ser alcançado e que pode resultar em uma aplicação extremamente valiosa. O professor deve ter consciência de que a língua é viva, sofre mudanças e que sua diversidade reflete sua riqueza. As variantes americanas são parte do grande patrimônio que é a língua espanhola. Segundo Antunes (2003b), o exercício da tolerância à diversidade é o caminho pelo qual se pode conviver de maneira satisfatória.

O professor deve também se arriscar ao desconhecido. Castro (1999) compara a literatura com uma floresta, visto que penetrar e movimentar-se nela pode ser algo difícil, porém gratificante. Essa comparação pode ser perfeitamente aplicada à língua espanhola. Quem estiver disposto a conhecer essa língua precisa percorrer as trilhas já abertas e abrir também suas próprias trilhas para então ter contato com sua diversidade. Isso implica buscar conhecer mais as variantes para que elas sejam contempladas no processo de ensino de E/LE.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: Anna Christina Bentes; Fernanda Mussalin. (Org.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 1, p. 21-47.

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003a.

_____. **Muito além da gramática.** Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2003b.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística:** Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 1. p. 49-75.

CASTRO, M. A. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, R. (Org.) **Manual de teoria literária.** Petrópolis: Vozes, 1999, p. 30–63.

Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española (DRAE) [Online]. Disponível em <www.rae.es>. Acesso em 04 de abril de 2013 às 11 horas.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **¿Qué español enseñar?** Madrid: Arcolibros, 2000.

Real Academia Español. Disponível em <www.rae.es>. Acesso em 04 de abril de 2013 às 11 horas.